

LIÇÃO Nº 9 – O BATISMO - A PRIMEIRA ORDENANÇA DA IGREJA

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 02/03/2024.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Mt 28.19

Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

- “Ensinai” no versículo 19 significa fazer discípulos - uma palavra que tem o sentido completamente diferente de ensinar no versículo 20. Todos os dias (v. 20) significa literalmente que não importa quais sejam os dias que possamos ter bons ou maus, alegres ou tristes - Jesus prometeu que Ele estaria conosco todos os dias - até à consumação da era (*aion*). Blair acertadamente observa: A afirmação nos lábios de Jesus no final do Evangelho – E me dado todo o poder no céu e na terra.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Romanos 6.1-11

1 Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante?

- “Santidade e Libertação do Pecado” é o tema do capítulo 6. 1) O problema, 1-2; 2) A promessa, 3-4; 3) A provisão, 5-7; 4) O objetivo, 8-10; 5) Aposse, 11-14; 6) O resultado, 15- 19; 7) A perspectiva, 20-23 (W. T. Purkiser). Como Cristo viabiliza a nova humanidade que está livre dos seus pecados? Como é a universalidade do pecado e da morte em Adão substituída pela união da nova raça em Cristo, que conduz à justiça e à vida eterna? Se a lei não foi dada para promover a justiça, então qual é o seu papel? Qual é o método de Deus para libertar os homens da “lei do pecado e morte”?

- A posição implícita de Paulo é que o homem, que é justo perante Deus por meio da fé, é também um homem que foi santificado por Deus. O homem convertido tem uma nova existência em Cristo. Libertado do domínio do pecado por meio de sua união com o Salvador morto-ressuscitado, ele pode se elevar às alturas da santidade por meio da fé e da dedicação de si mesmo a Deus (6.1-14).

- Esta nova existência é também uma nova ordem a ser obedientemente respeitada. Como ele anteriormente se entregou à iniquidade pela iniquidade, o novo homem em Cristo deve agora se entregar em total obediência à justiça. O fim desta nova ordem é a santificação no mais alto sentido, resultando em vida eterna (6.15-23). A morte pelo pecado tem a sua contrapartida na morte pela lei como um meio de salvação, pois pela lei o homem está unido ao pecado.

- O homem pela lei é homem na carne (7.1-6). Isto, entretanto, não deve ser interpretado como significando que a lei por si própria é pecaminosa. A lei enfatiza as obrigações do homem para com Deus, mas o pecado transformou a lei justa e santa de Deus numa “lei de pecado e morte”. Quando o mandamento influencia a consciência do homem, o pecado emerge para a vida, e o homem morre. A lei então passa a ser o meio pelo qual Deus mostra a excessiva propensão pecaminosa do pecado (7.7-13). A lei reivindica a devoção total do homem, mas o homem é carnal.

- Como o pecado mora dentro dele, ele é espiritualmente impotente. Quanto mais ele luta consigo mesmo para agradar a Deus, mais patética se torna a sua existência (7.14-25). Mas o que o homem nunca poderia fazer para si mesmo, Deus o fez em Cristo. Enviando o seu Filho “à semelhança da carne do pecado, e pelo pecado...” Deus condenou o pecado na carne, de modo que a exigência justa da lei pudesse ser cumprida no homem que crê em Cristo e “não anda segundo a carne, mas segundo o Espírito”. No Espírito, derramado na sua plenitude no Pentecostes (cf. 5.5), o homem tem a libertação, a orientação, a segurança, a ajuda e a esperança da redenção final (8.1-27).

- Morrendo com Cristo para o pecado (6.1-14). No versículo 1, Paulo pergunta: Que conclusão devemos tirar da minha posição anterior? Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? Seu objetivo não é tirar conseqüências lógicas de seu ensino anterior, mas rejeitar as falsas conclusões do antinomianismo. “Vamos continuar [*epimenomen*, presente do subjuntivo] em pecado [te hamartia, o pecado] para que a graça possa aumentar?” (NASB) Teremos que ser hospitaleiros para o pecado, que reinou desde a queda de Adão? Teremos que dar a este pecado uma morada? Devemos, aqueles que fomos justificados, continuar na mesma relação que tivemos com “o pecado” antes de irmos a Cristo? Devemos continuar a reconhecer o pecado e viver sob o seu domínio? Devemos manter uma atitude de cordialidade com o pecado para que a graça possa ser abundante?

2 De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?

- A resposta é um retumbante de modo nenhum! (*me genoito*, “É claro que não!” RSV). Nós que estamos mortos para o pecado (*apethanomen* te hamartia, tempo aoristo - “que morremos para o pecado,” NASB, RSV) como viveremos ainda nele? (2) Barret nos lembra que a forma particularizada do pronome *hoitines* (pronome de qualidade - “gente como nós”) dá o sentido. “Não podemos, como cristãos, continuar vivendo em pecado porque como cristãos morremos para o pecado; no que se refere ao pecado, estamos mortos.

- O tempo passado definido, “morremos”, aponta para um momento determinado; a conversão e (como o próximo versículo mostra) o batismo devem estar em mente”. Paulo agora se eleva acima do limite estreito da lógica humana e inicia o seu argumento de que “a natureza dos problemas morais humanos se torna clara somente quando você eleva a sua vida à luz do propósito de Deus, como foi revelado no grande drama da morte e da ressurreição de Cristo”.

- A partir desta perspectiva podemos chegar a determinadas conclusões quanto à natureza da nossa verdadeira vida. Isto é lógico também, mas de uma maneira mais ampla e abrangente do que o que provocou a questão. “A passagem também enfatiza uma daquelas distinções simples que constituem o alicerce de toda moralidade. ‘Como podemos, nós que morremos para o pecado, ainda viver nele?’ Há uma incompatibilidade fundamental entre certas coisas, e ela é tão insuperável quanto a diferença entre a vida e a morte... ‘Viver’ e ‘Morrer’ não podem ser reconciliados”.

- Existe apenas uma interpretação possível para as palavras de Paulo. O crente justificado foi “justificado do pecado”. Ele já não é mais tiranizado pelo espírito da revolta que contaminou a raça

desde a queda de Adão. O pecado já não “governa” mais o seu corpo. Barth pergunta: “O que é o perdão dos pecados (como nós o entendemos) se não estiver acompanhado diretamente por uma verdadeira liberação do ato de cometer pecados?...O que é a fé sem a obediência?”

- A base para a posição que Paulo está prestes a enunciar já foi estabelecida em 5.12- 21. “Adão foi a pessoa principal da antiga humanidade, durante e depois da qual o pecado teve a sua vitória e estabeleceu o seu controle; Cristo foi a principal pessoa da nova humanidade - o homem novo - da qual o pecado foi excluído sob uma vergonhosa derrota”.²⁸² “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1 Co 15.22). Este versículo nos dá a ideia de “pelo menos a metade”²⁸³ dos exemplos em que Paulo usa a expressão “em Cristo”. “Estar ‘em Cristo’ é estar incorporado à recém-criada humanidade, a nova comunidade ou ordem de relacionamento sobrenatural, o novo “corpo”, que veio à existência através e ao redor de Cristo. O fato essencial sobre o crente é que ele já não está ‘em Adão’; ele ‘está em Cristo’. Ele já não é mais um ‘homem natural’; mas um ‘homem espiritual’ ”^{f 4} Deve-se entender que o Filho encarnado existiu em duas condições - na sua própria pessoa, e como o Representante e Chefe da nova humanidade. Cada ato em que Ele trabalhou foi desempenhado em nome da nova humanidade que Ele carregou em Seu corpo (cf. 8.2-4). Dietrich Bonhoeffer insiste: “É impossível tornar-se um novo homem como um indivíduo isolado. O novo homem significa mais do que um crente individual depois de ter sido perdoado e santificado. Significa a Igreja, o Corpo de Cristo, e na realidade significa o próprio Cristo”.

- Nossa santificação está, portanto, em Cristo, tanto na sua pessoa (1 Co 1.30) quanto no seu corpo (Cl 2.9-12). Ao morrer e ressuscitar com Ele, estamos libertados do pecado e nos tornamos unidos a Ele numa relação em que podemos receber o Espírito Santo na plenitude pentecostal. Esta é a linha da verdade que o apóstolo considera nos versículos 3-14.

3 Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?

- Não sabeis que todos quantos (*hosoi*, pronome de quantidade - “tantos indivíduos quanto”, em contraste com *hoitines* do versículo 2) fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? (3) A pista para o que Paulo quer dizer com batizados em Cristo é fornecida em 1 Coríntios 10.1-2, em que ele escreve sobre “nossos pais” sendo “todos batizados em Moisés, na nuvem e no mar”.

- A mesma fórmula também é aplicada tanto para Moisés quanto para Jesus Cristo (*eis ton moysen ebaptisanto* e *ebaptisthemen eis christon iesoun*). Paulo pode dizer que os filhos de Israel foram “batizados em Moisés”, porque ele está em concordância com o sentimento de Estêvão de que Moisés era um “príncipe e libertador” (*archonta kai lytroten*, At 7.35). A implicação desta expressão será compreendida se comparada com a fórmula pela qual o próprio Senhor Jesus é designado: “um Príncipe e Salvador” (*archegon kai soteria*, At 5.31).

- O papel de Moisés foi de grande importância e está claro por que Paulo pôde falar do batismo dos israelitas com ele, ou seja, em união com ele. O batismo em um sentido arquetipo está presente aqui por causa dos elementos naturais (nuvem e mar) que selaram a unificação do povo e seu líder, possibilitando que as pessoas se apropriassem dos benefícios oriundos da obra da salvação, que Deus empreendeu ao convocar Moisés: as pessoas foram praticamente salvas pelo próprio Moisés; Moisés, em pessoa, resumiu e engajou-se para cumprir o plano de Deus; era necessário e suficiente

que os homens estivessem unidos a ele, a fim de se integrarem com o movimento de salvação que o profeta impeliu dentro do processo histórico”.

- Da mesma maneira, mas em um sentido mais profundo e real, a pessoa de Cristo resume o novo homem que Deus deseja elevar; no pensamento de Deus, Ele recolhe dentro de sua própria pessoa todos aqueles que estarão unidos a Ele para compartilhar do seu trabalho salvífico. E assim que Ele inicia a nova humanidade, “a igreja, que é o seu corpo” (Ef 1.22-23). Mas ser batizados em Jesus Cristo é ser batizado na sua morte. O melhor comentário sobre esta última expressão está no versículo 10a.

- Quando Cristo morreu, Ele morreu de uma vez por todas para o pecado. Sua morte foi um rompimento completo do seu contato com o pecado. O nosso batismo é um sinal e uma marca da nossa morte para o pecado, da nossa separação do domínio do pecado. Devemos ser extremamente cuidadosos aqui para não retrocedermos a qualquer ideia de graça sacramental nos ensinamentos de Paulo, que o apóstolo já havia repudiado no princípio. Com referência ao fato, Paulo defende a sua posição contra o “sacramentarianismo” ao fazer a distinção entre a morte dos crentes e a sua ressurreição com Cristo.

- Desta última ele trata cautelosamente, referindo-se a ela no modo subjuntivo ou no tempo futuro (versículos 4-5, 8). “Não há *opus operatum* sacramental por meio do qual os cristãos possam assegurar a si próprios, independentemente da fé e da sua própria seriedade moral, o fato de levantar-se da morte para desfrutar a vida da Era Vindoura”. Por outro lado, Paulo se dirige a toda a igreja romana como a congregação dos crentes batizados.

- Assim era cada congregação do Novo Testamento; simplesmente não havia cristãos não batizados, exceto pelos catecúmenos (novos convertidos) que estavam em processo de preparação para se tornarem membros da igreja. “Não seria natural para Paulo, nem para qualquer contemporâneo, considerar se a fé sem o batismo faria do homem um membro do Corpo de Cristo, ao passo que o caso de uma pessoa que procurasse o batismo sem fé (por mais rudimentar que fosse) teria parecido um fato anormal demais para ser digno de atenção”. Entretanto, uma doutrina da justificação pela graça por meio da fé requer uma distinção entre a iniciação no corpo espiritual de Cristo (1 Co 12.13) e a identificação com o corpo visível por meio do batismo. Esta distinção parece ser exigida pela seguinte sentença:

4 De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.

- De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte (4) O sepultamento pressupõe que a morte já ocorreu. O batismo dramatiza e torna real a morte para o pecado, que já tinha ocorrido na Cruz.

- Consequentemente, nós concordamos com Dodd que Paulo “não está, nesta passagem, expondo a natureza do sacramento como tal, mas aproveitando-se da importância do sacramento que se aceita para um propósito pedagógico - convencer a imaginação acerca da verdade profundamente enraizada na experiência, mas que é difícil de expressar em termos puramente intelectuais”.

- No versículo 4 lemos: De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Godet conclui que Paulo está dizendo “Em consequência desta morte para o pecado, em Cristo... fomos consequentemente sepultados com Ele...para que também ressuscitássemos com

Ele', o que significa: 'sepultados com Ele, não com o propósito de permanecer na tumba ou emergir dela para retornar à vida passada, mas para penetrar em uma nova vida, de onde o retorno para a antiga está definitivamente impedido.

- A morte na qual fomos batizados é a dele, e a nossa morte está ao mesmo tempo incluída na dele. Este batismo na morte é a fim de que (*hina*) sejamos ressuscitados com Ele para que andemos em novidade de vida (*en kainoteti zoes*).

- Vincent entende isto como "uma expressão mais forte do que vida nova. Ela dá mais notoriedade à ideia principal, novidade, do que seria dada pelo adjetivo".

- Novidade de vida se segue ao funeral com Cristo, assim como a ressurreição seguiu o seu funeral; em ambos os casos pressupõe-se um ato poderoso de Cristo. Na realidade é apenas um ato, pois o crente está inseparavelmente ligado a Cristo. Este ato poderoso se dá pela glória do Pai. Apalavra glória é um termo escatológico (2.7,10; 5.2; 8.17, 21).

5 Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição;

- A Ressurreição deu início à era do cumprimento, a nova era (cf. Jo 5.25; Ef 2.1-7). Porque, se fomos plantados juntamente com ele (*symphytoi gegonamen*, "unidos com Ele", NASB, RSV; "tornados incorporados com ele", NEB) na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.

- O texto grego omite a segunda expressão na semelhança. Portanto, a leitura do versículo é, literalmente, "Pois se nós nos tornamos unidos a Ele na semelhança da sua morte, também o seremos na sua ressurreição". Pelo batismo, nós imitamos a sua morte, ou melhor, dramatizamos nossa morte para o pecado com Ele. "Ora", diz Paulo, "nós vamos participar da sua ressurreição!" A nossa morte é como a dele; a nossa ressurreição é a dele. E a sua própria vida que Ele nos transmite pelo Espírito quando ressuscitamos com Ele em novidade de vida.²⁹⁴ "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (G12.20, RSV).

- Phillips compreendeu o pensamento de Paulo: "Se nós temos com- partilhado a sua morte, ressuscitemos e vivamos a nossa nova vida com Ele!" O uso do futuro no versículo 5b é digno de nota: ...também o seremos na... sua ressurreição. Paulo estará falando da ressurreição futura, da glorificação corporal dos crentes? Dificilmente podemos duvidar que isto esteja no horizonte dos seus pensamentos (cf. 8.17-23), mas esta não é a sua preocupação imediata. Paulo aqui está falando da participação real do crente na vida do Senhor ressuscitado. No versículo 11 ele faz outra alusão à nova vida do crente que não pode ser compreendida, exceto compartilhando a vida do Cristo ressuscitado.

- "Portanto, a expressão denota somente a santificação, a ressurreição moral do crente... nós começamos com a união à pessoa de Cristo pela fé naquele misterioso Ele por mim, que forma a essência do evangelho; então essa união se amplia até que todo o seu ser, como o Ressuscitado, tenha sido passado a nós".

6 sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, afim de que não sirvamos mais ao pecado.

- No versículo 6, Paulo apresenta a ideia do conhecimento subjetivo: Sabendo isto: (*touto ginokontes*). Novamente no versículo 9 encontramos o verbo sabendo (*eidotes*), e no versículo 11 o verbo considerar (*logizesthe*). A inserção deste pensamento é crucial para o ensino de Paulo; ela ressalta o significado moral de seremos (5b). “A nossa participação na ressurreição de Cristo não acontece em meio a um processo físico e natural. Para que tal resultado possa ocorrer, é necessária uma cooperação moral por parte do crente”.

- Esta cooperação moral, naturalmente, pressupõe um conhecimento do caminho e do fim (v. 8) da nossa santificação. Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado (6). “O crente compreende que o objetivo final que Deus tem em mente ao crucificar o seu velho homem (v. 6), é o de fazer com que ele viva a vida do Ressuscitado (versículos 8 e 9), e que ele entre ativamente no pensamento divino. Somente assim isto poderá acontecer”.

- Agora chegamos ao ápice do argumento de Paulo. Tudo o que foi dito até agora tinha a intenção de mostrar que a herança deixada por Adão tinha sido provisoriamente neutralizada pela morte na Cruz, para que uma nova humanidade pudesse surgir do Senhor ressuscitado.

- Quando Cristo morreu, houve a crucificação da antiga raça em Adão. Como o Filho do Homem, Jesus tornou-se um habitante da carne (cf. 8.3). Ele se identificou com os filhos de Adão completamente, exceto no que se refere ao pecado (Hb 4.15).

- Jesus se uniu à humanidade identificando-se com a humanidade, redimindo a humanidade ao entrar nela e, por meio de sua vida e morte, condenou e exterminou (potencialmente) o pecado na humanidade. Quando Cristo morreu, foi, portanto, a morte do velho Adão. O nosso velho homem, diz Godet, refere-se à “natureza humana como ficou pelo pecado daquele em quem originalmente estava concentrado, reaparecendo em cada ego humano que venha ao mundo sob o domínio do amor próprio, o que foi determinado pela transgressão primitiva”.

- Leenhardt comenta: “Este velho homem, este ser decadente, somos nós mesmos, considerando o nosso status como os filhos de Adão”.

- É velho no sentido de que pertence à antiga eternidade que morreu com a morte de Cristo, e em contraste com o novo homem que emergiu com a sua ressurreição. “Este velho homem é crucificado quando o crente se preocupa com a pessoa do Cristo crucificado”.

- Barrett escreve: “A interpretação que se recomenda pela sua simplicidade é que o ‘velho homem’ é a natureza do homem que não se converteu, e que pela conversão e pelo batismo é substituída por uma nova natureza, o ‘novo homem’. Mas a leitura atenta de Colossenses 3, e desta passagem, torna impossível esta interpretação. Em Colossenses foi dito que os cristãos se despiram do velho homem e se vestiram com o novo. Aqui na Epístola aos Romanos foi dito que os cristãos devem considerar que estão mortos para o pecado e vivos para Deus (v. 11). E muito mais preciso afirmar que ‘o velho homem’ é Adão - ou melhor, nós mesmos, em união com Adão, e que o ‘novo homem’ é Cristo - ou melhor, nós mesmos, em união com Cristo”.³⁰² A morte de Cristo foi “potencialmente a morte de toda a raça humana, assim como a sua ressurreição foi potencialmente a recriação de toda a humanidade”.³⁰³ Em Adão, ou seja, na solidariedade com a humanidade caída pela natureza pecadora, todos devem morrer; mas em Cristo, ou seja, por meio da incorporação à humanidade redimida no corpo de Cristo, todos são feitos vivos (5.12—6.11). Na morte de Cristo no Calvário, morreu toda a raça humana, porque Cristo é o Homem representativo: “Se um morreu por todos, logo, todos morreram” (2 Co 5.14, NASB; a última frase é *ara hoi pantes apethanon*). Na ressurreição de Cristo, foi criado o novo homem (Ef 2.15; Cl 3.9- 11). O indivíduo - por meio da

sua fé, dramatizada pelo batismo - se apropria da salvação possibilitada por Cristo. Com Cristo, ele morre para o pecado e ressuscita para a novidade de vida. Assim, com inteira realidade, ele pode confessar: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (G12.20). O batismo materializa e ratifica a nossa morte para o pecado; ele remove toda a experiência do campo do subjetivismo puro, e a conecta a um evento na história. Assim como a morte de Cristo foi um fato objetivo, o mesmo ocorre com o nosso batismo. Na Roma pagã, o homem batizado era um homem morto, naquilo que dizia respeito à sua vida antiga. Ao submeter-se ao batismo cristão, ele morria para a sua vida antiga, e a partir daí ele se identificava com Cristo e com a nova vida que Ele veio dar. Em toda esta passagem, o apóstolo está lembrando os romanos deste fato solene, que eles estavam aparentemente correndo o risco de esquecer. “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (v. 3).

7 Porque aquele que está morto está justificado do pecado.

- Tudo isto, devemos entender, é para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. “O objetivo desta execução moral, incluída no mesmo fato da fé, é a destruição do corpo do pecado”. Qual é o corpo do pecado (*to soma tes hamartias*)? Literalmente, é o “corpo que pertence ao pecado” (possessivo genitivo): o corpo do qual o pecado se apossou.

- A versão RSV traduz a expressão como “o corpo pecador”. Se chamarmos o corpo de “pecador”, faremos o mesmo de quando falamos de “lucro imundo”. Sem Cristo, o corpo do homem é degradado pelo pecado. Paulo sem dúvida está pensando no corpo físico como um instrumento para o pecado. Assim, embora a expressão *to soma tes hamartias* deva ser interpretada neste contexto, não é esse corpo que deve ser destruído, mas o corpo como um instrumento para o pecado. Libertados do pecado, somos capazes de apresentar os nossos corpos como sacrifícios vivos a Deus (12.1), para sermos “instrumentos de justiça para Deus” (v. 13, NASB). Entretanto, alguns intérpretes julgam que nós devemos entender soma como mais do que o organismo físico. Dodd insiste que significa “o ser individual como um organismo (nem carne nem espírito individualmente, e a ‘alma’ meramente como o princípio animador da carne, ou da estrutura física)”.³⁰⁶ Portanto, ele prefere pensar no “corpo pecador como um ser organizado a partir dos sentimentos maus e não harmoniosos”.

- Destruir - ou desfazer - o “corpo do pecado”, portanto, seria “desintegrar estes maus sentimentos, e desta forma destruir o ser construído a partir deles, em uma preparação para a organização de um novo ser, ao redor do centro que Cristo fornece para o crente”.

O versículo 7, Porque aquele que está morto está justificado (*dedikaiotai*) do pecado conclui o versículo 6. O pecado agora perdeu a sua reivindicação sobre o homem que morreu com Cristo. “Ele quer dizer que aquele que morreu, e já não tem um corpo para colocar a serviço do pecado, agora está legalmente isento de realizar os desejos daquele senhor, que até então tinha disposto livremente dele”.³¹¹ Leenhardt destaca que os versículos 5-7 consideram o batismo libertador, do ponto de vista da sua participação na morte de Cristo; os versículos 8-10 apresentarão Cristo como aquele que traz a nova vida.

8 Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos;

- O versículo 8 declara: Ora, se já morremos com Cristo (*ei de apethanomen syn christo*, tradução literal, NASB), cremos (*pisteuomen*, somos convencidos de) que também com ele viveremos. A morte com Cristo é um evento passado; o pecado já não reina sobre um crente justificado. Mas nem todo cristão conseguiu entender o significado completo da promessa de que também com ele vive-

remos. Como no versículo 5, Paulo está falando da “participação da vida santificada do crente com a vida de Cristo, mais do que da participação na glória futura que não é o assunto aqui”.³¹² Viver com Cristo é compartilhar da sua vida como alguém ressuscitado e glorificado. O ser, tendo renunciado ao seu centro organizado falso e destruidor, se prende ao centro novo, santificador, e que dá a vida - o Senhor Jesus Cristo. “Este é o nosso Pentecostes”, afirma Godet, “análogo à sua ressurreição”.³¹⁸ Também existe um eco de 5.10, onde Paulo falava do nosso ser “salvo pela sua vida”.

- O significado completo deste conceito ficará claro quando chegarmos a 8.1-4. Pela sua derrota pessoal do pecado, Cristo santificou completamente a natureza humana, e nos forneceu o Espírito santificador. Assim como Adão perfurou o dique pelo qual ocorreu a irrupção do pecado, Cristo abriu as comportas do Espírito Santo à natureza humana. Paulo prossegue: sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez (*ephapax*, “de uma vez por todas”, RSV) morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus (9-10). A primeira frase enfatiza que a ressurreição de Cristo foi um evento escatológico. A ressurreição de Cristo, diferentemente da de Lázaro, impediu a possibilidade de que Ele morra novamente. Ele, e somente Ele, iniciou a ressurreição da vida da era que virá. Isto porque “a sua morte foi uma morte para o pecado e valeu de uma vez por todas” (NASB). “Cristo morreu para o pecado porque ele morreu sem pecado, porque ele morreu pelo pecado (pela desobediência ao seu Pai), e porque ele morreu em um contexto de pecado”.

- Portanto, a sua morte, em lugar de ser um sinal da vitória do pecado sobre a verdadeira natureza humana do homem, foi um sinal da “completa derrota do pecado em um combate decisivo”. Enquanto para outros homens a morte tinha sido a sentença da condenação, Cristo “condenou o pecado na carne” (8.3), e venceu o adversário no mesmo campo de batalha onde ele tinha se entrincheirado. Além disso, ele ressuscitou dos mortos pela glória do Pai (v. 4), para que Ele pudesse continuar a viver somente para Deus.

9 sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele.

10 Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.

-Agora chegamos ao que Dodd chama de “conclusão muito importante”.³¹⁶ Como Cristo, de uma vez por todas, morreu para o pecado... assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus (II).³¹⁷ Isto é um imperativo, um desafio encorajador (*logizesthe heautous*): “Vocês devem se considerar mortos para o pecado; mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (NASB). “Se na verdade os crentes tomam parte da vida e da morte de Cristo; se eles morrem com ele, e vivem com ele, então devem se considerar assim. Eles devem receber esta verdade, com todo o seu poder consolador e santificador, nos seus corações, e manifestá-la em suas vidas”.

-A exortação é: “Sejam, de fato, o que em Cristo vocês são potencialmente”. Pelo reconhecimento da fé, entrem nas amplas possibilidades da sua nova união com Cristo. Considerai assim: “Os pregos que perfuraram as suas mãos e os seus pés santos destruíram o meu antigo ser. Cristo e nós fomos separados do pecado pela mesma morte misteriosa; e, portanto, estamos mortos com Cristo”.

11 Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor.

-Isto implica que a nossa separação do pecado e a nossa devoção a Deus são dádivas de Deus para nós, e que trabalham em nós. E implica que Deus as dá a cada um de nós no momento em que

acreditamos que são nossas. Se não for assim, o nosso reconhecimento, que podemos fazer a seu convite, é um engano. Portanto, nós chegamos à Cruz e ao sepulcro vazio de Cristo. Nós nos lembramos da falta de pecado e da devoção a Deus do Salvador morto e ressuscitado. Sabemos que ele morreu para que nós, pela união espiritual com Ele, possamos ser como Ele.

-Talvez até este momento tenhamos estado tristemente vivos para o pecado, mas parcialmente devotados a Deus. Mas Deus nos pede que nos consideremos como compartilhando a morte e a vida de Cristo. Em vista do objetivo de Deus, e da morte de Cristo, não ousamos hesitar. Dizemos: contradizendo as nossas experiências passadas, estamos mortos para o pecado; a partir de agora, vivo somente para Deus. O que dizemos que consideramos, com o convite de Deus, é verdade.

-E Deus concretiza em nós, pela união com Cristo, a sua própria palavra e a nossa fé. A partir de agora, enquanto mantivermos a nossa confiança, descobriremos, por feliz experiência, que pela graça e poder de Deus, de uma maneira desconhecida antes para nós, estamos separados do pecado e vivos para Deus.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O Batismo – A Primeira Ordenança da Igreja**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GONÇALVES, José. **Lições Bíblicas: O corpo de Cristo - Origem, natureza e missão da igreja no mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- GONÇALVES, José. **O corpo de Cristo - Origem, natureza e missão da igreja no mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Batismo – A Primeira Ordenança da Igreja**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Imagens bíblicas da igreja**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- OLIVEIRA, Euclides. **O Batismo – A Primeira Ordenança da Igreja**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.